

CAPÍTULO 9

AS CANTIGAS DE RODA COMO DISPOSITIVOS ÀS APRENDIZAGENS SOCIOCULTURAIS

Yasmim Martins

Elaine Conte

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante o desenvolvimento de um estágio curricular do curso de Pedagogia da Universidade La Salle, notamos o quanto as práticas musicais estão desvalorizadas, muitas vezes, esquecidas e que os educandos estavam perdendo o direito de brincar dentro da escola, o que nessa fase é extremamente importante. É fato que o trabalho em grupo vem sendo um recurso muito utilizado por professores para dinamizar e para estimular a participação ativa dos educandos no processo de ensino e de aprendizagem. Então, entendemos que as práticas musicais precisam ser mais valorizadas no ambiente escolar, pois elas têm o intuito de promover a interação e a expressão social entre os membros, beneficiando a relação entre o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento humano.

Nessa perspectiva, o estudo parte da ideia de que as práticas musicais contribuem, de forma significativa, para o processo de formação do indivíduo em ambiente escolar. Tendo como base tal afirmação, a pesquisa propõe averiguar como a música auxilia nos processos de ensino e de aprendizagem e como se dá a validação da educação musical como um dispositivo à formação cultural em sala de aula. A partir de referenciais como Paulo Freire, Piaget, Vygotsky e de outros interlocutores da área da educação, buscaremos problematizar a realidade vigente nas práticas da educação musical. A problematização parte do educador, porém, este precisa estar sempre em constante diálogo com seus educandos para que os processos formativos de fato aconteçam. Dessa forma, “[...] não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo” (FREIRE, 1987, p. 95).

Trata-se de realizar uma reflexão sobre a própria realidade musical vivida pelos educandos nos espaços escolares e desvelar (re)construções e alternativas para novas conversações musicais geradas e orquestradas pelos próprios horizontes vividos no âmbito escolar. A educação musical contribui significativamente na interação, expressão oral e na relação sociocultural dos educandos, sendo esta uma das formas de linguagem mais apreciadas, pois causa diversas sensações, facilita a aprendizagem e instiga a memória das crianças. Entretanto, as cantigas de rodas ainda são relegadas para um segundo plano ou asfixiadas nas rotinas escolares das crianças. A maior dificuldade encontrada hoje na educação musical é de como potencializar as cantigas de rodas para trabalhar questões humanas da comunicação sensível, da expressão, da afetividade e da emotividade nos diferentes contextos da educação. Segundo Bellochio e Figueiredo (2009, p. 2), “as (os) professoras (es) de educação infantil (EI) e anos iniciais do ensino fundamental da educação básica precisam considerar que não basta a música estar presente, de alguma forma na escola, e não possuir valor formativo reconhecido”. Assim, precisa estar enfatizado nos planejamentos escolares, para contribuir de forma significativa na aprendizagem sociocultural do educando.

A escolha desse tema se deu a partir do desenvolvimento de um estágio curricular do curso de Pedagogia da Universidade La Salle, pois durante o período de observação das vivências e experiências escolares, diagnosticamos diversos fatores que poderiam ser trabalhados e melhor articulados inter e multidisciplinarmente, por meio da música. Percebemos, dessa forma, a necessidade que os educandos tinham de expressar suas opiniões, sentimentos e de aprender

a interagir uns com outros, e por meio da música e brincadeiras de roda foi possível proporcionar estes momentos.

A partir deste panorama, apresentamos a problemática da pesquisa: de que forma potencializar as cantigas de rodas para trabalhar questões humanas da comunicação sensível, expressiva, afetiva e emotiva na educação? Por que as cantigas de rodas ainda são relegadas para um segundo plano ou asfixiadas nas rotinas escolares das crianças? O estudo tem seu alicerce na abordagem hermenêutica reconstrutiva de Habermas (1994), que está voltada para a compreensão e a interpretação de textos e discursos inscritos no mundo da vida. Segundo Habermas (1994, p. 222), “a compreensão hermenêutica se endereça por sua mesma estrutura a garantir, dentro das tradições culturais, a autocompreensão possível dos indivíduos e dos grupos, que oriente a ação, e uma compreensão recíproca entre os indivíduos e os grupos com tradições culturais distintas”.

Nessa abordagem, a hermenêutica reconstrutiva nos viabiliza diferentes visões e discursos de mundo como questões inspiradoras e inquietantes para continuar o diálogo educativo com as diferenças, com a heterogeneidade escolar e com a pluralidade de formas de perceber, sentir, pensar e agir no mundo socioeducacional. Nesse sentido, a hermenêutica enquanto atitude metodológica visa garantir a fusão de horizontes para fazer uma leitura estética da educação e para entrar no universo interpretativo da música na tradição cultural, visando a recuperação dos sentidos das cantigas de roda na educação, na ideia de levar em consideração as expressões artísticas e criações humanas. Daí que a dimensão hermenêutica provém da abertura à linguagem do outro, que faz brotar novos sentidos, curiosidades, significados na dimensão coletiva de oferecer diferentes possibilidades aos educandos de aprendizagens socioculturais.

2 AS CANTIGAS DE RODA: O QUE SÃO E COMO SURGIRAM HISTORICAMENTE

Segundo Martins (1993, p. 35), as cantigas de roda “[...] são poesias e poemas cantados em que a linguagem verbal (o texto), a música (o som), a coreografia (o movimento) e o jogo cênico (a representação) se fundem numa única atividade lúdica”. As cantigas de roda pertencem ao gênero de tradição oral e por ser composta por melodia, desperta a atenção e o interesse das crianças por meio da sua letra, do ritmo, da escuta sonora, fazendo com que o educando sinta e acompanhe com o toque da canção, manifestada em gestos, sensações e movimentos. Para Soares e Rubio (2012), a primeira relação que a criança tem com a linguagem musical acontece no berço por meio das cantigas de ninar. Nessa perspectiva, a música é uma importante ferramenta potencializadora de aprendizagens, pois desde pequena a criança convive com as músicas, conhecidas como as cantigas de ninar (FARIAS, 2013). Dessa forma, é um tipo de canção popular que está diretamente relacionada com a brincadeira de roda. Em termos de definição, Gaspar (2010, p. 26) corrobora com esse raciocínio de que as cantigas de roda podem ser definidas como:

Canções populares, que estão diretamente relacionadas com a brincadeira de roda. Essas brincadeiras são feitas, formando grupos de crianças, geralmente de mãos dadas, que cantam as letras da canção que tem suas próprias características, geralmente ligadas à cultura daquele local. Também são conhecidas como cirandas, e representam os costumes, as crenças, o cotidiano das pessoas, a fauna, a flora, culinária, dentre outros aspectos de um lugar. As cantigas possuem uma letra fácil de memorizar, sendo formada por rimas e repetições que prendem a atenção das crianças, de modo que estimula a imaginação e a memória da criança.

A prática é comum em todo o Brasil e faz parte do folclore brasileiro. Consiste em formar um grupo com várias crianças, dar as mãos e cantar uma música com características próprias, com melodia e ritmo equivalentes à cultura local, letras de fácil compreensão, temas referentes à realidade da criança e ao seu universo imaginário, geralmente acompanhadas de pequenas coreografias. Elas também podem ser chamadas de cirandas e têm caráter folclórico. Na concepção de Rousseau (2008, p. 303),

Foram em verso as primeiras histórias, as primeiras arengas, as primeiras leis. Encontrou-se a

poesia antes da prosa, e haveria de assim suceder, pois que as paixões falaram antes da razão. A mesma coisa aconteceu com a música. A princípio não houve outra música além da melodia, nem outra melodia que não o som variado da palavra; os acentos formavam o canto, e as quantidades, a medida; falava-se tanto pelos sons e pelo ritmo quanto pelas articulações e pelas vozes.

Pensador de uma educação libertadora, justificada em uma pedagogia natural, Rousseau entende que *Emílio* precisa ser educado de maneira totalmente livre, de modo que possa brincar e interagir com e pela natureza, pois defende que só assim a função da educação cumprirá seu papel, que é o de ensinar a criança a viver, aprender e a exercer o direito de liberdade. Somente assim, o educando estará apto a “[...] conquistar a própria liberdade e autonomia pessoal além do encontro conflituoso com a dura realidade do mundo, com a realidade do outro, com a da sociedade”. (SOËTARD, 2010, p. 17). Nesse sentido, Rousseau destaca a importância da figura do que chama de preceptor ou pedagogo, o qual acompanhará a criança nessa jornada formativa, sendo este fundamental para a conquista da liberdade e autonomia, mas orientando de forma que a sua vontade não interfira ou se sobreponha a vontade da criança.

A defesa de uma educação pedocêntrica (centrada na criança) e fundamentada na interação com a natureza, valorizando os instintos naturais e a descoberta, pelo simples ato de brincar, correr, saltar, jogar, possui maior valor na infância do que a introdução forçada de conhecimentos e conteúdos preestabelecidos pelos adultos. Rousseau (1995) adverte que para dar condições para que a criança possa formar ideias a partir das próprias experiências é necessário promover a interação, zelando pelo desenvolvimento do corpo, da mente, dos sentidos, por meio de brincadeiras e de jogos ao ar livre. Tudo isso como forma de se trabalhar pedagogicamente e ao mesmo tempo estimular a imaginação, os experimentos, as expressões próprias, as artes do fazer, as fantasias e as sensações das crianças.

Segundo Farias (2013), por meio das cantigas de roda a criança socializa-se, sente prazer, desenvolve a afetividade, a motricidade e o cognitivo, além de criar e reconstruir a realidade à sua volta. Assim, podemos perceber que o brincar é de extrema importância nesse processo, pois as cantigas de roda proporcionam para a criança momentos de distração e trocas de experiências, além de trazer diversos benefícios para a relação professor-aluno e a ludicidade, que são essenciais para o desenvolvimento da criança. Farias (2013) ainda afirma que “a ludicidade nessa etapa facilita a construção dos saberes que serão os alicerces de toda a vida, onde a brincadeira é entendida como maneira de expressão e apropriação do mundo das relações, das atividades e dos papéis dos adultos, além de ser a linguagem universal das crianças”.

As cantigas de roda apresentam algumas características em comum, como, por exemplo, na letra cantada, pois além de ser uma letra fácil de memorizar, é carregada de rimas, repetições e trocadilhos, o que torna a cantiga uma brincadeira que proporciona momentos de descontração e aprendizado. Sobre as cantigas e brincadeiras de roda, Bona (2006, p. 42) diz:

[...] é brincadeira completa, sob o ponto de vista pedagógico. Brincando de roda, a criança exercita o raciocínio e a memória, estimula o gosto pelo canto, desenvolve naturalmente os músculos aos ritmos das danças ingênuas. As artes da Poesia, da Música e da Dança uniram-se nos brinquedos de rodas infantis, realizando a síntese magnífica de elementos imprescindíveis à educação escolar.

As letras das cantigas, na maioria das vezes, falam da vida dos animais, usando episódios fictícios, que comparam a realidade humana com a realidade dos animais, fazendo com que a criança fique curiosa e atenta com a história contada por meio da música, o que estimula sua imaginação e memória (como por exemplo, as músicas *A barata diz que tem*, *Peixe vivo* e *Sapo Jururu*). Há ainda as histórias que retratam alguma história engraçada e divertida para as crianças. Contudo, não podemos deixar de destacar as cantigas que falam de violência ou de medo e ainda que esse seja um tema da realidade da criança parece ser um estímulo à violência ou ao temor. Atualmente, algumas canções vêm sendo alteradas tendo em vista a influência negativa e de violência das músicas na mente infantil. (ARAÚJO, *on-line*). Podemos citar as letras de algumas músicas e perceber que algumas delas apresentam incitação à violência ou medo, como podemos citar na cantiga *atirei o pau no gato*. Segundo Medeiros (2009, p. 8),

Na relação do texto com as músicas, percebemos que as mensagens que elas passam para as crianças não condizem com a realidade a que se propõe a melodia, como brincadeira de roda e embalar o sono das crianças. Assim, as letras são marcadas de estereótipos, preconceitos, preceitos morais e a tentativa de amedrontar as crianças, que por sua vez não se dão conta desta mensagem. As crianças parecem não perceber a mensagem que esta sendo passada.

Assim, acaba se tornando necessário produzir novas letras para preencher a necessidade de ter letras apropriadas para a realidade das crianças. Conforme Rodrigues (1992, p. 30),

A razão de tanto entusiasmo pela canção pode ser encontrada no ritmo das sílabas repetidas ou no grito final. Mas a observação do comportamento infantil sugere atenção ao significado da letra, ou seja, o que representa para a criança cantar ações que já fez ou que sabe não ser correto fazer. Por isso, simbolizar em versos e melodias o que lhe inquieta, é uma forma de dar um novo sentido às suas experiências.

As cantigas de roda são continuamente modificadas, adaptando-se à realidade do grupo de pessoas que as canta e são continuamente criadas novas cantigas em qualquer grupo social. De acordo com Cascudo (1988, p. 676), as cantigas de roda têm um caráter de constância, pois “[...] apesar de serem cantadas uma dentro das outras e com as mais curiosas deformações das letras, pela própria inconsciência com que são proferidas pelas bocas infantis”. O autor ainda afirma que elas são transmitidas oralmente abandonadas em cada geração e reerguidas pela outra “[...] numa sucessão ininterrupta de movimento e de canto quase independente da decisão pessoal ou do arbítrio administrativo”. (CASCUDO, 1988, p. 146). As cantigas conhecidas no Brasil têm uma origem européia, mais especificamente, de Portugal e da Espanha (ARAÚJO, *on-line*). Entretanto, no Brasil passou por um processo de adaptação do folclore brasileiro que retrata o país (ARAÚJO, *on-line*). De acordo com o Projeto de Teca (2006 apud FARIAS, 2013, p. 27):

As cantigas e brincadeiras de roda foram introduzidas no Brasil pelos portugueses e foram difundidas como uma atividade típica de meninas. Aos poucos os meninos também passaram a brincar nas cirandas, e durante muito tempo foi utilizada em escolas e nas próprias casas como única atividade lúdica, usada para ajudar no processo de diversão e alfabetização.

As cantigas de roda geralmente representam a cultura de um determinado local. É por meio dela que conhecemos os costumes, o cotidiano das pessoas, festas típicas do local, comidas, brincadeiras, paisagem, flora, fauna, crenças, culturas socioculturais (EUZÉBIO; RIBEIRO, 2013). Tudo indica que,

As cantigas de roda nada mais são do que um ritmo de canção popular que está diretamente relacionada com as brincadeiras de roda. [...] As mesmas apresentam melodia e ritmo equivalentes à cultura local, com letras de fácil compreensão, temas referentes à realidade da criança ou ao seu universo imaginário e, geralmente, com coreografias e letras que as crianças memorizam com facilidade (EUZÉBIO; RIBEIRO, 2013, p. 21).

As cantigas têm potencial para resgatar as canções populares, o folclore e as músicas que fazem parte da cultura da criança. Para Euzébio e Ribeiro (2013, p. 23), “as cantigas podem ser consideradas a partir de suas características musicais, poéticas, lúdicas e da sua singularidade enquanto manifestação folclórica, e ligada diretamente ao processo de ensino-aprendizagem”. Euzébio e Ribeiro (2013, p. 30) ainda defendem que “as cantigas são atividades lúdicas que podem ser desenvolvidas nos espaços de Educação Infantil e são fundamentais para o desenvolvimento da criança”. Farias (2013, p. 50) também corrobora dizendo que “[...] as cantigas e brincadeiras de roda, por meio da ludicidade que trazem, devem se configurar como ferramenta pedagógica dentro do processo de alfabetização, uma vez que propicia o desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos”.

3 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO MUSICAL E DAS CANTIGAS DE RODA EM SALA DE AULA

Esta seção está fundamentada na teoria da aprendizagem e na epistemologia (re)construtivista. Segundo Vygotsky (1998), o desenvolvimento cognitivo do sujeito se dá por meio da interação social, ou seja, dos vínculos

estabelecidos com os outros e com o meio, possibilitando a construção de novas experiências e conhecimentos. Vygotsky (1998) ainda afirma que para ocorrer a aprendizagem social, a interação precisa acontecer por meio do potencial de inter-relação da zona de desenvolvimento proximal (ZDP), que seria a distância existente entre aquilo que o sujeito já sabe, seu conhecimento real, e aquilo que o sujeito possui potencial para aprender, seu conhecimento a ser construído.

Piaget (1990), por sua vez, diz que é preciso conhecer a singularidade e o que é sensível ao educando, tendo em vista a bagagem hereditária que traz, visto que o conhecimento não é algo que se adquire, mas que se constrói em atuações durante toda a vida. Assim, para desenvolver os processos de educação musical na escola é preciso trabalhar de acordo com a realidade dos estudantes e com o conhecimento prévio de cada um, favorecendo a interação entre eles e a participação ativa no próprio aprendizado. Ao instigarmos a curiosidade das crianças sobre as atividades musicais que serão propostas no fazer artista da sala de aula, promovemos estudos interdisciplinares e práticas pedagógicas que tenham sentido por meio da música. Vygotsky (1998, p. 61) diz que:

A história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores seria impossível sem um estudo de sua pré-história, de suas raízes biológicas, e de seu arranjo orgânico. As raízes do desenvolvimento de suas formas fundamentais, culturais, de comportamento, surge durante a infância: o uso de instrumentos e a fala humana. Isso, por si só coloca a infância no centro da pré-história e do desenvolvimento cultural.

As práticas musicais contribuem de forma significativa para o processo de formação global do sujeito no ambiente escolar. As cantigas de roda pertencem ao gênero de tradição oral e, por ser melodia, despertam a atenção e o interesse das crianças através da sua letra, do ritmo, da escuta sonora, fazendo com que o educando se sensibilize para os processos de aprendizagens interdisciplinares, por meio das canções, gesticulações e movimentos. Dessa forma, as crianças têm a facilidade de compreensão e assimilação musical, demonstrando interesse e entusiasmo pelas atividades. Brincando com a música, a criança tem a oportunidade de incorporar, de representar, de imitar e de comunicar mensagens expressas no texto da música. Com essa proposta pedagógica é possível valorizar os discursos das crianças, introduzir o gosto pela leitura e estabelecer vínculos afetivos com a aquisição e desenvolvimento das linguagens. Nessa perspectiva, Brito (2010, p. 91) acrescenta que,

O fazer musical é um modo de resistência, de reinvenção (questões caras ao humano, mas ainda, pouco valorizadas no espaço escolar) que, ao mesmo tempo, fortalece o estar junto, o pertencimento a um grupo, a uma cultura. O viver (e conviver) na escola – espaço de trocas, de vivências e construção de saberes, de ampliação da consciência – deve, obviamente, abarcar todas as dimensões que nos constituem, incluindo a dimensão estética.

Ao revisarmos essa proposta pedagógica é possível valorizar os discursos da área, bem como das crianças, introduzindo o gosto pela leitura musical e estabelecendo vínculos afetivos com a aquisição e desenvolvimento das múltiplas linguagens.

[...] fica claro que as parlendas e as cantigas de roda podem ter um papel fundamental e imprescindível no processo de construção de sua alfabetização, não só pela sua familiaridade com o discurso ingênuo da criança, mas também, porque permite à criança a conquista de linguagem verbal por meio da oral, tão forte vivenciada (SOARES; RUBIO, 2012, p. 11).

Além disso, cantando e brincando as crianças desenvolvem o raciocínio, a memória e a imaginação. O interessante em se trabalhar com as cantigas na alfabetização é que as canções são facilmente memorizáveis e fazem parte de uma arte que envolve a dimensão social e emocional. As emoções permitem conexões e movimentos de abertura a novas relações de empatia com os outros no mundo, como elementos que dinamizam a formação cultural e a vida em sociedade.

É brincando que a criança aprende, ou seja, a brincadeira também apresenta fins educativos, pois por intermédio de tal ato, o educador fornece diretrizes para o desenvolvimento moral da criança,

como por exemplo: noções de certo e errado, de limites, etc. É dessa forma que a aprendizagem ocorre de modo prazeroso e significativo à criança. (KISHIMOTO, 2001, p. 56).

Para defender as brincadeiras de roda como dispositivos para a alfabetização e aprendizagem sociocultural podemos nos embasar nos pressupostos de Vygotsky (1987, p. 35), quando admite que o brincar permite a aprendizagem, ou seja, “[...] o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos”.

Brincar com as cantigas de roda é utilizar uma atividade lúdica produtora, receptiva e comunicativa que requer da criança articulação de várias estruturas cognitivas. A experiência estética da criança com as cantigas de roda leva-a ao prazer estético e isso acontece quando sua mente está refletindo sobre os cantos poéticos, oportunidade em que entram em jogo a socialização, a percepção, a imaginação, a linguagem, a memória, a atenção, dentre outros processos que auxiliam a criança a superar o seu egocentrismo intelectual, característica marcante da criança na fase intuitiva (MARTINS, 2012, p. 70).

Assim, esteja a criança na condição de espectador ou protagonista, a música é um interessante meio para registrar na memória determinadas temáticas, além de gerar instrumentos de forte impacto emocional, pois permitem refletir sobre questões éticas e morais. Vygotsky (1972, p. 31) também reconhece que “[...] é perfeitamente admissível a opinião de que as Artes representam um adorno à vida, mas isso contradiz radicalmente as leis que sobre elas descobre a investigação psicológica”. Elas “[...] representam o centro de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade e que se constituem no meio para se estabelecer o equilíbrio entre o ser humano e o mundo nos momentos mais críticos e importantes da vida, [tratando-se, de] uma refutação radical do enfoque das Artes como adorno” (VYGOTSKY, 1972, p. 31).

Portanto, é de suma importância que os educadores criem momentos e movimentos musicais dentro do processo de alfabetização, lembrando sempre de relacionar o brincar, o aprender e o ensinar, de forma lúdica. O brincar possibilita para a criança explorar espaços e permite que o sujeito se emancipe na relação interativa e expressiva com o outro. Trabalhar a alfabetização por meio das cantigas de roda torna o aprender mais prazeroso e significativo.

O momento de encontro da criança com o universo escolar, precisa ser mágico, encantador e prazeroso, para que assim, a aprendizagem passe a ser significativa. O processo de alfabetização precisa acontecer de forma lúdica, onde o professor busque ferramentas que tornem esse processo encantador e prazeroso (FARIAS, 2013, p. 28).

No período de alfabetização, é fundamental que a aprendizagem tenha significado, para que o sujeito não se torne apenas um reprodutor de conhecimento vazio de sentido vital. Segundo Bellochio e Figueiredo (2009, p. 37), “as professoras de educação infantil (EI) e anos iniciais do ensino fundamental (AI) da educação básica precisam considerar que não basta a música estar presente, de alguma forma na escola, e não possuir valor formativo reconhecido e enfatizado nos planejamentos escolares”. Ou seja, para que a música sirva como um dispositivo facilitador na alfabetização e letramento sociocultural das crianças, ela precisa ter algum sentido e intencionalidade ao trabalho pedagógico, não basta somente estar inserida no cotidiano escolar da criança. Bellochio e Figueiredo (2009, p. 37) ainda afirma que,

[...] a música na escola pode adquirir um papel relevante se tratada como uma área de conhecimento que requer estudo, diversidade, prática e reflexão, de forma que esteja inserida nos planejamentos e no cotidiano escolar de maneira significativa, compondo com as demais áreas um conjunto de saberes fundamentais para o desenvolvimento sociocognitivo e humano dos alunos.

De acordo com Soares e Rubio (2012, p. 11), “as cantigas de roda e as parlendas, quando bem direcionadas, apresentam-se como recurso para a leitura lúdica no processo de introdução da criança no mundo da leitura. Com

suas construções fáceis, poéticas e ricas em rimas, facilitam a compreensão do código linguístico”. Pesquisando sobre a utilização das cantigas de roda no processo de alfabetização, recorro aos escritos de Farias (2013, p. 28), que nos relata que “o processo de alfabetização precisa acontecer de forma lúdica, onde o professor busque ferramentas que tornem esse processo encantador e prazeroso”.

Quando pensamos a alfabetização, é necessário que pensemos também no desenvolvimento da criança em todos os aspectos, desde o social até o cognitivo, por isso a importância do uso das cantigas e brincadeiras nessa fase, pois permitem a criança criar e firmar seu próprio pensamento, por meio da representação e da construção que as brincadeiras trazem, através dos papéis representativos (FARIAS, 2013, p. 32).

Assim, a criança participa ativamente das situações de leitura e de escrita de forma mais espontânea e contextualizada, afinal, ela já sabe o que está escrito e pode prestar mais atenção à forma como se escreve. A partir das cantigas de roda, as crianças são estimuladas a entender as informações por meio de registros, de pensar e expressar conhecimentos, ideias e experiências pela forma oral, escrita e através de expressões sensíveis a todos os sentidos humanos. Nas cantigas de roda, crianças transportam para o mundo encantado as diversas tipologias textuais, conceitos sociais, matemáticos e naturais. Dessa forma, a criança aprende com as cantigas desde processos sonoros e musicais a ler e escrever as diferentes linguagens, integrando a linguagem corporal, plástica e musical. Em relação às inter-relações sobre música e linguagem, Theodor Adorno (2008, p. 167) afirma:

A música assemelha-se à linguagem. Expressão como idioma musical e entonação musical não são nenhuma metáfora... a música é análoga ao discurso não apenas como conexão organizada de sons, mas também porque há uma semelhança com a linguagem no modo de sua estrutura concreta... música assemelha-se com a linguagem na qualidade de sequência temporal de sons articulados, que são mais do que sons.

Como defende Vygotsky (1998, p. 110), “de fato, aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados”. Com essa inquietação, também marcada pela questão da *convivência* na cultura escolar, fomos alargando a percepção da importância do tema na escola para refletir sobre como sensibilizamos os conhecimentos interdisciplinares e interagimos por meio da musicalidade (GALLO, 2012). Assim, entendemos que a criança tem de aprender interagindo com a educação musical e trocando sensações, emoções, experiências musicais e informações tanto com os educandos, quanto com o docente.

No âmbito tradicional, percebemos que a interação entre os sujeitos na sala de aula acontece muito pouco. Com isso, a comunicação entre os estudantes em sala de aula é anulada. Para Piaget (2007), nesse modelo de educação se prioriza a relação aluno-professor. Com isso, por meio das brincadeiras de roda e grupos cooperativos podemos aproximar os educandos uns dos outros, aumentando a interação entre estes para que o trabalho com a música possa ser considerado, portanto, um meio de expressão e forma de conhecimento acessível para as crianças. A linguagem musical é um excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima, da autoconfiança e do autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social.

Em tempos em que as manifestações da cultura popular espontânea estão com o seu espaço tão diminuído, parece mais raro de se ver ou ouvir das crianças aquelas canções que, na simplicidade das suas melodias, ritmos e palavras, guardam uma riqueza do imaginário popular. Porém, mesmo não estando em alta, também não estão extintas as canções, melodias e os encantamentos musicais. Segundo Michahelles (2011), é certo que muitas vezes tendo partes omitidas ou formas esquecidas e transformadas, elas sobrevivem à era do computador e da hiperestimulação. As cantigas populares são um gênero intersimiótico, ou seja, elas harmonizam ao mesmo tempo linguagem verbal e a musical (ritmo e melodia) (MICHAHELLES, 2011). Os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre a arte referem que:

Qualquer proposta de ensino que considere essa diversidade precisa abrir espaço para o aluno trazer música para a sala de aula, acolhendo-a, contextualizando-a e oferecendo acesso a obras

que possam ser significativas para o seu desenvolvimento pessoal em atividades de apreciação e produção. A diversidade permite ao aluno a construção de hipóteses sobre o lugar de cada obra no patrimônio musical da humanidade, aprimorando sua condição de avaliar a qualidade das próprias produções e as dos outros (BRASIL, 1997, p. 53).

Conte (2012, p. 179) corrobora com essas ideias ao afirmar que “[...] a musicalidade, a corporeidade e a plasticidade podem parecer invisíveis, mas estão plenamente presentes na constituição da prática pedagógica”. Em termos de “[...] analogia com a arte musical, podemos pensar que a fala é música; e as letras, sílabas e palavras são as notas musicais. Vemos que os conhecimentos musicais tornam-se um excelente recurso para o professor trabalhar um texto na escola, por exemplo” (CONTE, 2012, p. 179). Sem sombra de dúvidas,

A emoção do texto está vinculada à sua musicalidade, pois é no entendimento das variações da fala que acontecem o movimento, o tempo, o ritmo e o som. Assim, os elementos do universo musical podem desenvolver habilidades para a leitura de textos, na descoberta das possibilidades rítmicas, de entonação e intensidade, indispensáveis para compreender um texto artístico. Tudo produz som; a fala, o corpo, a emissão da voz (timbre, tom e duração, entre outros), dando à palavra, a força e o significado adequados para ensinar ao educando a reconhecer a musicalidade da fala. Isso porque não é possível que um excelente professor seja desprovido de qualquer talento musical e corporal, uma vez que tal excelência depende também da sua habilidade em ouvir, em perceber o ritmo de uma fala ou de um gesto, em descobrir a entonação (melodia) correta de sua voz para que ela traduza determinada emoção e não outra. Confirmando a importância das linguagens artísticas para o desenvolvimento de habilidades necessárias ao agir pedagógico, vemos a educação como articuladora de sons, pensamentos e dos sentimentos (CONTE, 2012, p. 180).

Por meio da música, podemos conhecer a história da criança, o que ela vivencia no seu dia a dia, além de fazer com que a criança expresse seus sentimentos. Mesmo que muitas vezes as práticas musicais pareçam estar sendo esquecidas, elas ainda estão muito presentes no ambiente escolar. Portanto, a música desperta na criança sentidos, sentimentos e significados que são de extrema importância para seu desenvolvimento. As cantigas de roda possibilitam a potencializar as práticas pedagógicas do professor em sala de aula, tornando o aprender mais lúdico e significativo.

Nesse sentido, é importante que se reflita ainda sobre a utilização das cantigas e brincadeiras de roda dentro da alfabetização, uma vez que as próprias crianças afirmam sentir prazer e aprenderem durante a realização das mesmas. Diante disso, chega-se a conclusão de que o “aprender” deve acontecer de forma prazerosa, e que não há ferramenta melhor para se aliar a alfabetização que as brincadeiras, que além de ser levada a sério pelas crianças, é sua linguagem universal (FARIAS, 2013, p. 50).

Sendo assim, não há como negar que as cantigas e brincadeiras de roda são de suma importância no desenvolvimento social, cognitivo e psicomotor da criança, além de ser um dispositivo facilitador e mediador da alfabetização e letramento sociocultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que as cantigas de roda são potencializadores de aprendizagens socioculturais, enquanto dimensão sensível às questões vitais, sendo capazes de promover o desenvolvimento global, subjetivo, social, moral, cognitivo e emocional das crianças. Assim, as cantigas de roda fortalecem os estímulos visuais, sensoriais, perceptivos e reflexivos nos processos de ensino e de aprendizagem das crianças na Educação Infantil. A música compõe a história das pessoas no mundo e, por isso, a experiência musical tem marcado a humanidade e encantado as gerações, visto que as músicas possibilitam criar, tocar instrumentos e expressar-se oral e gestualmente, usando a música como uma forma de expressão que retrata ideias, costumes, sentimentos e condutas sociais.

A música faz parte da vida das crianças antes mesmo do processo de alfabetização, então, torna-se um

artefato fundamental para desenvolver atividades pedagógicas que envolvem a oralidade na alfabetização e o corpo musical das crianças desde a Educação Infantil. As cantigas de roda contribuem para o desenvolvimento de experiências, interações livres e espontâneas das crianças. Nesse sentido, se faz necessário revigorar as reflexões sobre a utilização das cantigas de roda dentro da alfabetização, uma vez que elas ainda são relegadas para um segundo plano ou asfixiadas nas rotinas escolares das crianças. Daí que para potencializar o uso das cantigas e brincadeiras de roda na alfabetização e letramento sociocultural das crianças os professores precisam dar algum sentido e intencionalidade ao trabalho pedagógico, pois não basta somente estar inserida no cotidiano escolar da criança. Todo e qualquer professor de Educação Infantil (EI) e de anos iniciais (AI) da educação básica pode e deve ensinar música como forma de invenção do cotidiano escolar. Segundo Bellochio e Figueiredo (2009, p. 5):

Precisamos romper com a ideia de que essa professora não é especialista. Bom, pode ser até que não seja especialista em música, como, de fato, a grande maioria não é. Mas é uma profissional habilitada especificamente para o trabalho com crianças de 0 a 10 anos, o que engloba a EI a AI. Essa professora tem um conhecimento extenso sobre desenvolvimento humano e sobre planejamento para essa fase do desenvolvimento escolar que é fundamental e marcante na vida dos seres humanos.

Para que as cantigas de roda sejam potencializadas como dispositivos facilitadores das aprendizagens socioculturais precisam ser planejadas pelos professores e recriadas com as crianças no cotidiano escolar, tendo por base os (con)textos socioculturais. Dessa forma, afirmamos que as cantigas e brincadeiras de roda são de suma importância no desenvolvimento social, cognitivo e psicomotor da criança, além de ser um dispositivo facilitador da alfabetização e letramento sociocultural.

A educação precisa levar em consideração a realidade musical vivida pelos educandos nos espaços escolares e assim, buscamos reconstruções e alternativas para novas conversações musicais geradas e orquestradas pelos próprios horizontes vividos na cultura escolar. Os resultados da pesquisa evidenciaram que a educação musical contribui significativamente na interação, expressão oral e na relação sociocultural dos educandos. Concluímos o estudo com as seguintes reflexões de Farias (2013, p. 51):

Diante dos benefícios trazidos pelo brincar as crianças, cabe refletir por que as escolas de educação infantil estão cada vez mais afastando o processo de alfabetização das brincadeiras, num falso discurso que a escola deve ser levada a “sério” e que as brincadeiras é na hora certa. Porque separar brincadeiras e aprendizagem se está confirmado que as brincadeiras ajudam no desenvolvimento das crianças? Porque tirar das crianças o direito de brincar que se encontra amparo por lei? Porque separar o aprender do brincar, uma vez que se complementam?

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. Fragmento sobre música e linguagem. Trad. Manoel Dourado Bastos. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 31(2): 167-171, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v31n2/10.pdf>>. Acessado em: 25 jun. 2018.
- ARAÚJO, A. P. de. Cantigas de Roda. **InfoEscola** – Navegando e aprendendo. [on-line]. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/folclore/cantigas-de-roda/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.
- BELLOCHIO, C. R.; FIGUEIREDO, S. L. F. **Cai, cai balão...** Entre a formação e as práticas musicais em sala de aula: discutindo algumas questões com professoras não especialistas em música. Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/revistas_meb/index.php/meb/article/viewFile/112/34> Acesso em: 10 Jul. 2018.
- BONA, M. **Nas Entrelinhas da Pauta:** Repertório e práticas musicais de professoras dos anos iniciais. 2006. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Regional de Blumenau, FURB, Blumenau/SC, 2006.

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>.
- BRITO, T. Ferramentas com Brinquedos – A Caixa de Música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 24, 89-93, set. 2010. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed24/revista24_artigo10.pdf>. Acesso em: 20 Abr. 2017.
- CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Editora Itatiaia. Belo Horizonte, MG, 1988.
- CONTE, E. **Aporias da performance na educação**. 2012. 283f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- EUZEBIO, F. de O.; RIBEIRO, E. M. P. **A importância das cantigas de roda na Educação Infantil**. Trabalho de conclusão de graduação (Curso de Pedagogia). Serra: Faculdade de Capixaba da Serra, 2013.
- FARIAS, E. G. de. **As Cantigas e Brincadeiras de Roda Como Instrumento Pedagógico na Alfabetização**. 2013. 58p. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília - UNB, Alto Paraíso de Goiás, Goiânia, 2013.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 26. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GALLO, S. As múltiplas dimensões do aprender. **Anais... COHEB 2012**. Congresso de Educação Básica: aprendizagens e currículo. Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC: UFSC, 2012. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/1302201210.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2018.
- GASPAR, L. Brincadeiras de roda. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Set 2010. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=485:brincadeiras-de-roda&catid=37:letra-b>. Acesso em: 04 jul. 2018.
- HABERMAS, J. **Técnica e Ciência como Ideologia**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- HOFFMANN, J. **Avaliação Mediadora: Uma Prática da Construção da Pré-escola a Universidade**. 17. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- KISHIMOTO, T. M. Brinquedos e materiais pedagógicos nas escolas infantis. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 229-245, 2001.
- LIMA, M. V. da S. **A importância do lúdico através das brincadeiras cantadas na Educação Infantil no contexto da gestão escolar**. Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância Especialização Lato-Sensu em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria, Fortaleza, Ceará, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2612/Lima_Maria_Valrineide_da_Silva.pdf?sequence=1>. Acesso em: 4 Jul. 2018
- MARTINS, M. A. das N. S. **Cantigas de roda: o estético e o poético e sua importância para Educação Infantil**. Curitiba, PR: CRV, 2012.
- MARTINS, M. A. das N. S. **Brincadeira Infantil**. Do imaginário ao real – aspectos cognitivos e sociais. 1993. 172p. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1993.
- MEDEIROS, P. A. S. **Músicas de roda e de ninar: Criando letras com alunos do 6º ano em Aparecida de Goiânia relato de uma experiência**. Brasília/DF, Dezembro de 2012. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4857/1/2012_PatriciaAlvesMedeirosSantos.pdf>. Acesso em 03 Jul. 2018
- MICHAHELLES, B. **Cantigas e Brincadeiras-de-roda na Musicoterapia**. Monografia apresentada ao Curso de Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música sob a orientação de Marly Chagas, Meloteca, 2011. Disponível em: <<http://www.meloteca.com/pdf/musicoterapia/cantigas-e-brincadeiras-de-roda-na-musicoterapia.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2018.
- MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagens**. São Paulo: EPU, 1995.
- PIAGET, J. **Epistemologia Genética**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação**. 18. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2007.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 19. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SOARES, M. A.; RUBIO, J. de A. S. A Utilização da Música no Processo de Alfabetização. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 10-12, 2012. Disponível em: <<http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Maura.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

STAVRACAS, I. **O papel da música na Educação Infantil**. Universidade Nove de Julho, São Paulo, p. 23-74, 2008. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp104946.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

RODRIGUES, J. P. **Cantigas de Roda**. Porto Alegre: Magister, 1992.

ROUSSEAU, J-J. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Trad. Fulvia M. L. Moretto. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

VYGOTSKY, L. S. Interação entre aprendizado e desenvolvimento. In: COLE, M.; SCRIBNER, S.; SOUBERMAN, E. (Orgs.). **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia del arte**. Barcelona: Barral, 1972.